
ATELIÊ DE FILOSOFIA E ARTES NA ESCOLA PÚBLICA: rotas de fuga e resistência

Rosângela Luz Matos

Pós-doutora em Estudos Interdisciplinares sobre Universidade (UFBA), Doutora em Sociologia (UFC), Mestre Psicologia Social e Institucional (UFRGS), Licenciada em Psicologia (UFRGS) e Psicóloga (PUCRS). Líder do grupo de Pesquisa CNPq Educação, Universidade e Educação (EdUReg), Professora Permanente do Programa de Pós-graduação Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação (UNEB).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7764-9121>

E-mail: rlmatos@uneb.br

Raquel Maciel Paulo dos Anjos

Graduada em Filosofia UFBA, Especialista em Arte Educação, Cultura Brasileira e Linguagens Artísticas Contemporâneas (UFBA) e Ensino de Filosofia no Ensino Médio UFBA, Mestranda do Programa de Pós-graduação stricto sensu Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação (UNEB), Professora da Rede de Ensino Pública Municipal de Lauro de Freitas, Bahia.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3963-0507>

E-mail: raquelanjosfilosofia@gmail.com

Resumo

Este artigo apresenta práticas de uma pesquisa em educação desenvolvida entre julho e dezembro de 2019 que se moveu no sentido de pensar a docência em Filosofia nos anos finais do Ensino Fundamental (EF) em uma escola pública do município de Lauro de Freitas, Bahia. A justificativa toma por referência a necessidade de propor rotas de fuga e resistência para a crise na educação pública no atual cenário de implantação da BNCC que trouxe para o currículo do EF da rede de ensino de Lauro de Freitas riscos, entre eles o de desregulamentação da disciplina e, por conseguinte, da docência em Filosofia, tanto no concerne a oferta, quanto na possibilidade de esta ver-se submetida ao conteúdo de ensino religioso. A pesquisa tem natureza aplicada, abordagem qualitativa e por procedimento adotou-se a criação de um Ateliê de Filosofia e Artes na escola. Participaram da experiência 37 estudantes dos anos finais do EF, com idade entre 11 e 16 anos, por livre adesão e mediante inscrição *online* em um formulário alojado no *Google Drive*. A criação do ateliê seguiu o conceito de experiência proposto por Larrosa (2018) e funcionou como plataforma de experiências diversas daquelas vividas na rotina escolar afirmando o valor da Filosofia na educação básica para a produção de sentidos renovados para a educação escolar.

Palavras-chave: Ensino Fundamental. Docência. Filosofia. Ateliê. Artes.

PUBLIC SCHOOL PHILOSOPHY AND ARTS WORKSHOP: *escape and resistance routes*

Abstract

This article presents practices of a research in education developed between July and December 2019 that moved towards thinking about teaching in Philosophy and Arts in the final years of Elementary Education (EF) in a public school in the municipality of Lauro de Freitas, Bahia. The justification takes as reference the need to propose escape routes and resistance to the crisis in public education in the current scenario of implantation of the BNCC that brought two risks to the curriculum of the teaching network of Lauro de Freitas: deregulation of the discipline and, therefore, teaching in Philosophy, both with regard to the offer and the possibility of it being subject to the content of religious teaching. The research has an applied nature, a qualitative approach and by procedure the creation of a Philosophy and Arts Atelier was adopted at the school. 37 students from the final years of the EF, aged between 11 and 16 years, participated in the experiment, by free membership and through online registration in a form hosted on Google Drive. The creation of the studio followed the concept of experience proposed by Larrosa (2008) which requires, from the acts of teaching and knowing, the involvement of teachers and students. As a result, we observed that the Atelier functioned as an experimentation platform, where students were able to experience themselves at school as student-researchers, through the valorization of their speeches and productions and the experience in experiences different from those experienced in the school routine.

Keywords: Elementary School. Teaching. Philosophy. Atelier. Arts.

Introdução

A pesquisa intitulada Ateliê de Filosofia - Experimentações estéticas com estudantes dos 6º e 7º anos do Ensino Fundamental da Escola Municipal de Vida Nova, Lauro de Freitas - Bahia surgiu a partir de inquietações de uma professora de Filosofia¹ nas aventuras e itinerâncias entre a formação e a prática docente. A pesquisa ganhou corpo no percurso do mestrado Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação (GESTEC) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e reflete sobre

¹ Na cidade de Lauro de Freitas, a disciplina Filosofia compõe o quadro das disciplinas diversificadas, sendo ofertada para os 6º e 7º anos do Ensino Fundamental. Disponível em <https://io.org.br/ba/laurodefreitas/diarioOficial/download/461/1455/0>.

possíveis rotas de fuga e resistência para a crise na educação pública, através da criação de um Ateliê de Filosofia e Artes na escola.

A proposta do Ateliê de Filosofia para os anos finais está ancorada na justificativa de que o município de Lauro de Freitas oferece a disciplina para os 6º e 7º anos e os índices de Desenvolvimento da Educação do Brasil (IDEB)² apontam sérios problemas em todas as escolas para os Anos Finais do Ensino Fundamental no município, tais como baixo rendimento, problemas no fluxo idade série e evasão escolar.

A Escola Vida Nova, lócus da pesquisa, apesar do amplo espaço físico, com 14 salas de aula, um grande pátio e quadra de esportes, sala de vídeo e biblioteca é a única que oferece Anos Finais para o Ensino Fundamental na região, atendendo a estudantes residentes em bairros adjacentes. A escola é a maior em quantidade de estudantes do município, um total de 1.583, e desses 1.135 alunos estão matriculados no EF e os demais estão matriculados na Educação de Jovens e Adultos (EJA) noturno.

Dados de 2018 mostram que a cada 100 alunos, 37 não foram aprovados³ na escola. Os dados do IDEB apontam a nota 2.6 em 2017, percentual abaixo da média planejada para a unidade escolar e muito abaixo da média nacional, de 5.6⁴. Importante observar que, no recorte apresentado, a nota do ano 2017 revela-se inferior ao ano de 2013, denotando uma queda na qualidade da educação e a necessidade de criar alternativas para estas problemáticas.

Neste contexto adverso, encaramos a aprovação da BNCC como um indicativo de pouco ou nenhum espaço para o pensamento e a fabulação, subestimando a Filosofia em posição e relação à organização das disciplinas ofertadas ao Ensino Fundamental e Ensino Médio, e traz insegurança à prática da docência nestes níveis. Se já não há espaço para a Filosofia na escola, como oferecer uma educação que esteja

² O IDEB é calculado a partir de dados de aprovação escolar obtidos no Censo Escolar anual e das notas da Prova Brasil no 5º e no 9º ano do Ensino Fundamental e no 3º ano do Ensino Médio. Esse indicador foi criado para medir a qualidade do ensino nas escolas públicas, através do INEP, uma autarquia federal.

³ Dados do IDEB obtidos no site <https://www.qedu.org.br/escola/119111-em-de-vida-nova/ideb> acesso em 19 out. 2019.

⁴ A escolha da análise a partir de 2013 se dá por conta da entrada da educadora-pesquisadora na instituição em 2013.

de fato conectada com a formação do humano? Em busca destas respostas criamos o Ateliê de Filosofia e Artes.

A experimentação no Ateliê de Filosofia e Artes, aqui relatada, foi realizada no mês de agosto de 2019, com participação de 37 estudantes de 6º e 7º anos do turno vespertino, com faixa etária entre 11 e 16 anos, por livre adesão e mediante inscrição *online*⁵. O projeto de pesquisa foi submetido em março de 2019 à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) sob o Parecer número 3.672.696. A pesquisa seguiu as Resoluções n.º 196/96, 466/12 e 510/16 da CONEP⁶ que regulam as pesquisas com seres humanos no Brasil.

O planejamento, desenvolvimento e registro dos acontecimentos do Ateliê contou com a participação de estudantes de mestrado e iniciação científica, os pesquisadores-universitários, e do EF, nomeados por estudantes-pesquisadores.

Os estudantes-pesquisadores produziram conteúdos para esta pesquisa a partir de textos, falados e escritos, criados com a experimentação de jogos lúdicos, mapas sensíveis da geografia da escola, desenhos, impressões com carimbos, livro artesanal e zines⁷.

Os registros dos estudantes do *stricto sensu* e da graduação foram praticados em um Diário de Itinerâncias Coletivo, proposta inspirada em Barbier (2007). A ferramenta de acesso contínuo e *online* foi operada através do *Google Drive* sendo de acesso restrito aos pesquisadores universitários, funcionou como uma plataforma para o registro das falas e análise das produções realizadas pelos estudantes-pesquisadores, inclusive registro fotográfico de todas as experimentações do Ateliê.

A presença da Filosofia na educação básica orientou-se, nesta proposta, para a formação do humano em suas relações com tudo o que vive. A presença da Filosofia na educação básica deve, portanto, estar livre de subalternidades, para assim encontrar toda a potência de criação do novo e o cultivo da vida.

⁵ Link para inscrição no projeto Ateliê Vida Nova https://docs.google.com/forms/d/17eARxZmgo_g5Q2FBYc38Fm_FW9pvFrX6LZ8UpkG-5K0/edit.

⁶ Resolução n.º 196/96, disponível em http://conselho.saude.gov.br/web_comissoes/conep/arquivos/resolucoes/23_out_versao_final_196_encep2012.pdf; Resolução n.º 466/12, disponível em <http://www.uneb.br/comitedeetica/files/2011/04/Resolu%C3%A7%C3%A3o-466.2012.pdf> Resolução n.º 510/16, disponível em <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/reso510.pdf> acesso em abr. 2019.

⁷ Zine é um trabalho realizado por uma pessoa ou grupo com textos e imagens originais ou apropriados, geralmente reproduzidos por fotocopadora, publicado em pequena circulação de maneira independente.

Desafios para a filosofia no currículo da educação básica

A presença da Filosofia na educação básica esbarra em desafios e resistências. E para problematizar o lugar da Filosofia na educação básica brasileira, precisamos tentar dimensionar a sua história, observando as muitas intercorrências e o incessante esforço para efetivar sua inserção neste nível da educação escolar.

A cidade de Salvador foi o primeiro lugar a oferecer aulas de Filosofia no Brasil. Ainda no período colonial, o Colégio dos Jesuítas da Bahia⁸ oferecia curso elementar que ensinava leitura e escrita, habilidades matemáticas básicas e, obviamente, os valores da Igreja Católica e os interesses de Portugal. Nas aulas de Filosofia estudava-se Lógica, Metafísica, Moral, Matemática e Ciências Físicas e Naturais. Por se tratar de ensino de base cristã, obviamente operava sob um pensamento tomista, em especial nos ensinamentos do fundador Padre Manoel da Nóbrega (1517 -1570), além do Padre Antônio Vieira (1608 - 1697) e o Padre Nuno Marques (1652 - 1728). Ou seja, a princípio o ensino de Filosofia estava delimitado ao pensamento cristão (ROSSATO, 2005).

A partir de 1971, no período do regime militar, a Lei nº 5.692, que fixa as Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, substituiu o ensino de Filosofia, presente em algumas escolas, pelas disciplinas Educação Moral e Cívica (EMC) e Organização Social e Política do Brasil (OSP). E, somente a partir de 1983, com o clima de redemocratização, há um lento retorno da disciplina Filosofia para educação básica, contudo sem exigência de obrigatoriedade.

O período de reordenação democrática, tanto a Constituição Federal (CF), em 1988, quanto a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), em 1996, afirmam a cidadania como tônica. O artigo 36 da LDBEN de 1996 determina que, ao final do Ensino Médio, todo estudante deve “dominar os conhecimentos de Filosofia e de Sociologia necessários ao exercício da cidadania”. A partir desse momento, as leis visavam proporcionar condições necessárias para a vida em sociedade com direitos e deveres garantidos, preservados e exercitados. Isso reabriu as discussões sobre a presença da Filosofia e da Sociologia na educação básica.

⁸ O Colégio dos Jesuítas (1553 e 1759) localizava-se no Terreiro de Jesus, centro histórico de Salvador, local hoje ocupado pela Catedral da Sé, Faculdade de Medicina e Praça da Sé.

A aprovação das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (DCNEM) pelo Conselho Nacional de Educação CEB/CNE nº 3, em 1998, juntamente com os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (PCNEM), de 1999, fez com que a Filosofia voltasse a fazer parte do currículo no Ensino Médio, porém ainda com um caráter transversal, ou seja, deveria ser apresentada diluída nas práticas e conteúdos das demais disciplinas, estando sujeita a capacidade interdisciplinar de cada professor.

Em relação ao Ensino Fundamental, nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1999) a Filosofia aparece como disciplina na grande área das Ciências Humanas e suas Tecnologias, mas não estão definidos os conteúdos específicos a serem trabalhados. Trata-se de uma proposta baseada no conceito de competências e habilidades a serem desenvolvidas, sendo elas Representação e comunicação, Investigação e compreensão, Contextualização sociocultural. Os conteúdos geralmente são organizados em um dos quatro grandes modelos de ensino: Por temas, Por domínios ou campos filosóficos, Por problemas, Por critérios cronológicos⁹.

Entre 1999 e 2001 tramitou na Câmara e no Senado Federal um projeto de lei complementar que substituiu o citado artigo 36 da LDB, instituindo a obrigatoriedade das disciplinas Filosofia e Sociologia nos currículos do Ensino Médio. Após aprovação nestas duas instâncias do Poder Legislativo Federal, o projeto foi vetado em outubro de 2001. A discussão em torno da necessidade da inclusão do ensino da Filosofia se desenvolveu durante três anos juntamente com o projeto de Lei que tramitou na Câmara e no Senado Federal que visava substituir o artigo 36 da LDB. Mesmo com a aprovação nas duas instâncias, incrivelmente o projeto foi vetado pela presidência da república, a época ocupada por um sociólogo.

Em 2003, um projeto de lei de teor similar começa a tramitar novamente na Câmara dos Deputados, defendendo a importância do ensino da Filosofia e da Sociologia a partir de um lugar consolidado, com sua obrigatoriedade no currículo,

⁹ Brasil, 1999, 125.

como defendido pela Declaração de Paris pela Filosofia¹⁰: "Tal medida fundamenta-se no entendimento de que a Filosofia e a Sociologia possuem estatutos próprios e, enquanto disciplinas são análogas a qualquer outra, com saberes, corpo teórico e terminologia específicos"¹¹ (UNESCO 2005 apud Galeffi, 2017, p.31). Finalmente, em 2008, com a aprovação da Lei nº 11.684¹², tornou-se obrigatório o ensino de Filosofia e Sociologia para os três anos do Ensino Médio, o que levou a um avanço nas discussões sobre o campo.

Este clima de estabilidade da Filosofia no Ensino Médio não durou uma década, entre 2008 e 2016. Com a aprovação da Lei nº 11.514 de 2017, que instaura a Base Nacional Comum Curricular (BNCC)¹³, o impacto sobre a oferta de Filosofia nas instituições de ensino, reduziu o tempo de atuação destas disciplinas moldando o currículo em uma perspectiva tecnicista, focada no mundo do trabalho.

Em se tratando de Ensino Fundamental, a BNCC não cita a Filosofia nem como tema transversal. O documento, que sofreu alterações em seu texto final, inclui as disciplinas Língua Portuguesa, Matemática, Artes, Educação Física, Língua Inglesa, Ciências, Geografia, História e até Ensino Religioso. A Filosofia não aparece nem nas considerações iniciais para abordagem dos conteúdos em uma perspectiva transdisciplinar. No final do documento a palavra Filosofia aparece no capítulo sobre Ensino Religioso, quando se refere a aspectos relacionados ao que é chamado no documento de Filosofias de Vida¹⁴.

Na BNCC (2017) do Ensino Médio, a Filosofia está submetida ao conteúdo do Ensino Religioso, mais especificamente, ligado ao tema dos valores morais e éticos daqueles que não possuem religião. A Filosofia, por sua natureza, não pode estar submetida a nenhuma área do saber. A supressão ou submissão da Filosofia ao Ensino Religioso só tem registro no período colonial com a escola dos jesuítas.

¹⁰Disponível em <http://www.ufjf.br/pensandobem/files/2009/10/Declara%C3%A7%C3%A3o-de-Paris-para-a-Filosofia-UNESCO.pdf> acesso em 01 fev. 2020.

¹¹ Brasil, 2003, p. 2-3.

¹²Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11684.htm acesso 21 dez. 2017.

¹³ Disponível em <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/> acesso em 18 jan. 2020.

¹⁴Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/bncc-20dez-site.pdf>. Acesso em 01 out. 2018.

O artigo 206, parágrafo II, da CF, determina que “O ensino tomará lugar sobre os seguintes princípios [...] liberdade para aprender, ensinar, pesquisar e disseminar pensamento, arte e conhecimento”. E aqui nos questionamos: como ofertar um ensino que siga tais princípios em um contexto de constantes disputas contrárias ao ensino da Filosofia? Como garantir a lei em uma realidade que, em seus moldes finais, se desenha voltada apenas para a formação meramente técnica e esvaziada de sentido educativo? Isso não será possível se não pensarmos a escola como lugar para a formação integral, valorizando os aspectos da sensibilidade e da humanidade em seu sentido genérico, para além dos aspectos práticos, mecânicos e instrumentais, cada vez mais valorizados.

O caráter tecnicista observável na BNCC (2017), que pretende nortear a educação do Brasil nos próximos anos, traz em seus fundamentos uma orientação para o mundo do trabalho, não apenas para o Ensino Médio, mas, também, para o universo do Ensino Fundamental. E aqui nos deparamos com o questionamento: será esse modelo de educação que queremos?

Edgar Morin (2015, p. 106-107) nos alerta:

O modo de pensamento ou de conhecimento fragmentado, compartimentalizado, monodisciplinar, quantificador, nos conduz a uma inteligência cega, na mesma medida em que a atividade humana normal, empenhada em religar os conhecimentos, e sacrificada em prol da atitude não menos normal de separar. Devemos pensar o ensino a partir da consideração dos efeitos cada vez mais graves da hiperespecialização dos saberes e a incapacidade de articulá-los uns aos outros.

Ou seja, oferecer disciplinas isoladas que não se comunicam e articulam em prol da coletividade e o mero acesso aos meios de informação e comunicação, sem que se seja capaz de articula-los em prol do coletivo, forma o indivíduo incapaz de pensar, de criar e se fazer e existir na diferença.

Pensando sobre o sentido da educação escolar, em um contexto de formação tecnicista e cada vez mais esvaziado de sentido, Larrosa (2018), no alerta para a relação da educação com a vida.

A vida, como experiência, é relação com o mundo, com a linguagem, com o pensamento, com os outros, com nós mesmos, com o que se

diz e o que se pensa, com o que dizemos e o que pensamos, com o que somos e o que fazemos, com o que já estamos deixando de ser. A vida é a experiência da vida, nossa forma singular de vivê-la. Por isso, colocar a relação educativa sob a tutela da experiência (e não da técnica, por exemplo, ou prática) não é outra coisa que enfatizar sua implicação com a vida, sua vitalidade. (LARROSA, 2018, p.74)

Nesse sentido, se pode pensar em estratégias de resistência para uma educação escolar comprometida com a vida e suas experiências estéticas e filosóficas. A Declaração de Paris para a Filosofia (UNESCO, 1995, p.13-14), por exemplo, propõe uma filosofia das ruas, para todos, que seja capaz de ultrapassar fronteiras, geográficas ou territoriais, visando o pensamento humano em seus aspectos transculturais. Uma Filosofia que esteja conectada com a vida e o contexto social ao mesmo tempo que globalizada e coletivamente autônoma.

Para a filósofa Hannah Arendt, a educação é responsável por introduzir a geração mais nova num mundo historicamente construído e compartilhado (ARENDR, 1990). A educação não se limita ao espaço da escola, o sentido da educação está no mundo. Por isso, os adultos possuem uma dupla responsabilidade: garantir o bem estar das crianças e cuidar desse mundo que deve estar pronto para acolhê-las. As crianças precisam de proteção e cuidado para o seu desenvolvimento. A escola tem a função de introduzir as crianças na vida em sociedade, como recém-chegados ao mundo. Ou seja, a escola é um espaço intermediário entre a família e a sociedade, e deve preparar o jovem para a vida na cidade.

Carrano (2003, p. 16) questiona a naturalidade com que relacionamos a escola com o educativo. Para o autor, as relações sociais e o espaço onde elas se produzem e se inscrevem, é a cidade, e por isto ela é também uma "esfera educacional ampliada que se processa na heterogeneidade de espaços sociais praticados". A cidade é elevada, nesta perspectiva, a espaço educativo, porque emerge das interações entre cidadãos e a materialidade dos elementos que constituem a vida cidadina. Deste modo os usos e contra usos dos espaços urbanos constroem formas, funções e sentidos para a cidade e para a existência de seus praticantes, realizando assim sua vocação educativa. As cidades são verdadeiros espaços de vida e criação.

Para a filósofa Hannah Arendt (1990) a crise da modernidade colocou em xeque a tradição educacional institucional assentada na noção de autoridade, o que

reverberou na educação escolar e suas práticas pedagógicas. Essas reflexões tinham como marcador o mundo que viveu e viu os horrores das duas grandes guerras. Hoje vivemos os excessos da sociedade da informação, produzidas através dos meios hipermidiáticos.

Como afirma Larrosa (2018, p. 19-20) não podemos ser ingênuos e acreditar que sociedade da informação seja sinônimo de sociedade do conhecimento ou de aprendizagem, diferente disso a informação em excesso não guarda lugar para a experiência. Nas palavras do autor “[...] uma sociedade constituída sob o signo da informação é uma sociedade na qual a experiência é impossível”.

Arrebatados pelo efeito de choque causado pelo excesso de informações que esvaziam a própria experiência, como promover uma educação? Que valores ensinar em um mundo como esse? Como apresentar o mundo aos jovens, se os adultos estão desencantados com sentido da educação e da sociedade? Como ensinar que, além dos interesses pessoais de cada um, existe algo pelo qual precisamos cuidar no coletivo, e que isso é de enorme valor?

E, nesse ponto, Arendt (1990, p. 247) nos passa uma mensagem poderosa que toca no aspecto da responsabilidade da educação em relação ao acolhimento e mediação com o mundo.

A educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele e, com tal gesto, salvá-lo da ruína que seria inevitável não fosse a renovação e a vinda dos novos e dos jovens. A educação é, também, onde decidimos se amamos nossas crianças o bastante para não expulsá-las de nosso mundo e abandoná-las aos seus próprios recursos, e tampouco arrancar de suas mãos a oportunidade de empreender alguma coisa nova e imprevista para nós, preparando-as em vez disso com antecedência para a tarefa de renovar um mundo comum.

As palavras de Arendt inspiram esta pesquisa, convidando para a responsabilidade de educar a partir do amor e questionar se amamos suficientemente nossas crianças para sermos capazes de acolhê-las, para permitir que sejam o que são, nos apresentem a novidade, que tenham voz, que sejam ouvidas, que possam experienciar as suas vidas com qualidade.

Precisamos auxiliar as crianças para que vivam em um mundo onde elas possam criá-lo, futuramente, de jeitos que não podemos prever. Precisamos criar bases e condições de construção subjetiva, de afirmação de si diante das diferentes existências. É importante que a educação seja entendida de modo amplo, incluindo a responsabilidade da sociedade como um todo, e não apenas da escola ou da família. Mas é essencial que a escola seja esse espaço de ensaio, de exercício da cidadania.

Ateliê de filosofia e artes: a formação do humano pela experiência do filosofar

Aqui descrevemos aspectos que caracterizaram a realização de três seções do Ateliê de Filosofia e Artes, denominado Ateliê Vida Nova, uma referência à Escola na qual o projeto foi desenvolvido. Para cada dia de Ateliê foi proposto um roteiro adaptável a depender do grupo. A tônica da proposta visou tomar a escola como lugar de experimentação, de modo a levar os estudantes a vivenciarem seus espaços de maneiras outras que as comumente praticadas.

Para isto, a proposta aconteceu aos sábados, quando a escola tem atividades curriculares esporádicas e fica aberta para uso da comunidade local. Um dos efeitos desta escolha foi imediatamente percebido, qual seja: o silêncio da escola no dia de sábado contrasta com o barulho dos dias letivos. Vejamos o impacto da percepção do silêncio em falas dos participantes, registradas do Diário de Itinerâncias Coletivo.

Que silêncio! Tenho costume não!
Quando a escola está cheia é barulhenta. O pátio só fica bonito quando está vazio e silencioso.
Parece que estamos em outro planeta. Seria bom se fosse assim sempre.
(Diário de Itinerâncias Coletivo – Ateliê Vida Nova, 2019)

Um elemento que participou de todos os Ateliês foi a ambientação do espaço escolar. A ambientação contou com tecidos e almofadas de chita, sombrinhas e fitas coloridas remetendo às manifestações populares nordestinas: o samba de roda, o frevo, as festas juninas entre outras. Tudo foi feito com cuidado, a fim de causar a sensação de alegria e acolhimento, o que se percebe no relato de uma pesquisadora-universitária:

E então, seguimos para nosso espaço do ateliê. Ao passarmos na primeira entrada de cortininha colorida as garotas giravam, cheias de pose e de charme, como se estivessem dançando e adentrando numa grande festa. E no momento em que elas se depararam com o espaço ... elas se mostraram maravilhadas! E uma garota falou assim: “eu estou até emocionada.”

(Diário de Itinerâncias Coletivo – Ateliê Vida Nova, 2019)



Imagem 1 – 10 de agosto 2019

Os estudantes-pesquisadores foram convidados a apresentar a escola para os pesquisadores-universitários, a partir do próprio ponto de vista e circulação no espaço escolar, o que fez emergir os mais diferentes comentários sobre as interações que tecem com a escola, o cotidiano, os professores, os colegas, os materiais a que tem acesso e os alimentos que lhes são dispensados. Também foi disponibilizada uma mesa com frutas, pães e doces em todos os Ateliês, sem demarcação de tempo ou quantidade de consumo.



Imagem 2 - 17 de agosto de 2019

Avaliou-se importante, a cada início de Ateliê, apresentar o projeto como parte de uma pesquisa, a identificação dos pesquisadores-universitários como colaboradores disponíveis para tirar dúvidas e acolher as expectativas dos estudantes, que foram denominados de estudantes-pesquisadores. A decisão de dar aos estudantes a posição de pesquisadores se fez na esteira da argumentação de Arendt (1990), quando nos diz que cada sujeito, criança ou jovem, traz consigo o potencial do novo para o humano genérico.

Por isto, os sujeitos pesquisadores foram convidados a ser também aqueles que produziam a pesquisa a partir de sua realidade. Ao saberem deste aspecto, qual seja, que suas falas seriam ouvidas e valorizadas com a mesma proporção que a dos demais pesquisadores, alguns estudantes expressaram em seus corpos surpresa e admiração. Questionados o que seria uma pesquisa e onde seria possível pesquisar, uma aluna afirma: “Podemos pesquisar no mundo!” (Diário de Itinerâncias coletivo - Ateliê Vida Nova, 2019).

O momento de sensibilização sucedeu a atividade de apresentar o espaço escolar para os pesquisadores-universitários e contou com atividades de corpo, exercícios de respiração, alongamento, vocalização e breves jogos de memorização com cantigas populares¹⁵, sempre ao som de música instrumental brasileira¹⁶ apostando na descontração dos participantes.

A criação de um mapa sensível sobre a geografia da escola foi o convite central de um dos Ateliês. Neste os estudantes-pesquisadores foram provocados a representar os afetos e desafetos para com a escola e o espaço escolar. Também foram convidados a representar no mapa como gostariam de ocupar a escola e o acesso aos diversos equipamentos existentes (quadra, biblioteca, sala de vídeo, pátio, salas de aula, materiais escolares e de esportes, etc.), ou aqueles fabulados nesta brincadeira de inventar o espaço escolar (pracinha, parque, jardim, flores, árvores, arbusto de doces, pista de correr, piscina).

¹⁵ Uma das cantigas realizadas foi a Adoleta, brincadeira de roda onde os participantes batem na mão do participante ao lado enquanto todos cantam a música "Adoleta".

¹⁶ Para esta proposta foi escolhido o disco Cérebro Magnético (1980) do compositor e multi-instrumentista brasileiro de Hermeto Pascoal.



Imagem 3 - 10 de agosto de 2019

Para a construção dos mapas disponibilizou-se um desenho da planta baixa da escola em papel A4 na cor branca e uma diversidade de materiais de papelaria e artesanato para colorir e preencher o mapa. No final deste Ateliê convidamos os participantes a compartilharem suas criações e experimentarem a posição de responder perguntas sobre o que estavam representando no mapa e o porquê escolheram um objeto ou elemento para indicar a escola desejada. A proposição consistiu num modo de levá-los a refletirem e explicitarem os significados dos registros feitos nos mapas. Neste Ateliê, doze mapas foram produzidos.

O que se vê nos mapas são interferências repletas de cores e brilhos. Em suas falas esta explosão revela o desejo de uma escola mais viva, mais colorida, com tempo livre para brincar e interagir com os outros. Muitos indicaram que o pátio e a quadra da escola são os espaços preferidos, por terem relação com o tempo livre, e simplesmente por serem fora da sala de aula. Esta ênfase no tempo revelou que o uso dos espaços no cotidiano escolar é bastante limitado, mesmo nas aulas de educação física predominam restrição de circulação no pátio, quadra, jardim.

Esta revelação sobre a restrição de circulação no espaço escolar e a retirada do tempo livre nos fez retornar para a interrogação filosófica: o que é uma escola, afinal? No sentido grego a escola aparece como espaço e tempo em que se poderia passar o tempo livre, o momento do ócio, aliás, único momento possível para a aprendizagem (LARROSA, 2018). A *Skholé* grega tem o sentido de liberdade, oportunidade de aprender a crescer, (r)existir através da relação com os outros e com as pequenas situações do cotidiano.¹⁷

Inspirados nas produções e intervenções propostas pelos estudantes na atividade “mapa sensível” e na noção de liberdade da *Skholé* ofertou-se um Ateliê com os desejos manifestos: brincar, jogar, cantar, ouvir música e comer doces. Neste Ateliê disponibilizou-se adereços carnavalescos, músicas escolhidas pelos próprios participantes e reproduzidas em caixas de som, com tecnologia *bluetooth*, fantasias, enfeites, tinta para rosto, instrumentos musicais de brinquedo (violão, guitarra, pandeiro e flauta), balas, bombons e doces.

No palco, que fica no pátio da escola, experimentaram-se como artistas em um trio elétrico imaginário, dançando e cantando com liberdade, sem proibições e censuras sobre as músicas escolhidas¹⁸. Bolas, bambolês, ioiôs, cubo mágico, ping pong, além de jogos de tabuleiro, xadrez e damas, elástico, corda de pular, cones, fitas adesivas para desenhar amarelinha no chão deram espaço para a brincadeira, o jogo, a interação, a risada, a diversão.

¹⁷ Importante salientar que no contexto da Grécia antiga, a liberdade se restringia aos cidadãos, aristocratas, e não se estendia às mulheres, escravos e estrangeiros. Apenas os cidadãos possuíam o privilégio à *Skholé*, voltando um tempo para si, para o ócio e o estudo, sem a obrigação de ter que submeter seus corpos ao trabalho manual.

¹⁸ Diversas músicas foram escolhidas em estilos variados como pagode, axé e funk.



Imagem 4 - 24 de agosto 2019

Para o terceiro Ateliê, ainda inspirados na filosofia grega propusemos a atividade Caminhada Peripatética pela escola, mimetizando os filósofos peripatéticos que caminhavam enquanto filosofavam. O objetivo foi fomentar a reflexão sobre a escola, sobre si mesmo, sobre as relações consigo, com a escola e com os demais, intensificando a experiência de construir a si e ao mundo na relação com a alteridade.

Para realizar a experimentação peripatética a equipe de pesquisadores fez da escola um personagem e apresentou um conjunto de perguntas que revelariam a identidade deste personagem, entre essas: quem é a escola? Ela tem amigos? É barulhenta? É silenciosa? Quais as suas histórias? Qual seu sonho? Suas ideias? Você conversa com ela? Sobre o que? Ela já lhe contou algum segredo? Poderia compartilhar? Quais são seus medos? O que a deixa triste? O que ela tem vontade de mudar?

Este exercício foi experimentado numa primeira caminhada pelo espaço escolar acompanhado de uma atividade de registro dessas impressões sobre a identidade deste personagem: a Escola. O registro foi livre, em papel ou outros

materiais de artes, com desenhos, textos escrito, breves comentários, notas e muito bate papo.

Ao tempo que se experimentavam nesta caminhada que parecia voltar-se somente para saber quem é a escola, os estudantes encontravam envelopes com perguntas e frases filosóficas: quem é você? Quais as suas histórias? Quais são os seus sonhos? e etc. A cada envelope encontrado, nenhuma resposta e alguns segundos de silêncio. Ao mesmo tempo, olhares e risos indicando interrogações se fazendo: porque aqueles envelopes estariam ali? O que aquelas frases e perguntas queriam dizer? A curiosidade em saber se existiriam mais envelopes escondidos os fez procurarem com bastante entusiasmo.

A escola foi explorada minuciosamente: embaixo das carteiras, na sala dos professores, na biblioteca, na sala de vídeo, na quadra, no pátio, no palco, nos banheiros, entre as plantas do jardim, nos corredores laterais e até na fonte de água desativada, fechada por uma tampa de concreto, que todos juntos conseguiram levantar para saber o que havia dentro.

O objetivo, evidentemente, não era que respondessem aos questionamentos, mas que explorassem a escola como um corpo novo a ser conhecido, numa grande brincadeira de caça ao tesouro, de caça a si mesmo e ao outro – a escola. Um exercício de desnaturalizar o já sabido, o já visto, o por vir. As perguntas provocaram risos, olhares, falas, ideias, ações coletivas.

Para registrar o saber vivo da escola e de si mesmos construído nesta experimentação, na sequência, o Ateliê propôs o registro dessas impressões narrativas em zines, pequenos livros autorais, manualmente construídos. Ofertou-se papel colorido em tamanho A4 e a possibilidade de usar variadas técnicas como dobraduras, colagens, costuras, de modo a construir pequenos livretos para imprimir suas narrativas. Para o registro de desenhos, texto escrito, história em quadrinhos, etc. disponibilizou-se lápis e canetas de colorir, adesivos, carimbos, perfuradores de papel e etc.



Figura 5 – 24 de agosto 2019

O que se encontra nesses registros são reflexões sobre os três Ateliês realizados em agosto daquele ano. Nestas imagens compartilhadas aparecem *emojis*, avaliações, reflexões sobre o tempo e a existência, figurações de viagem (o mar, a navegação, a ancoragem), diálogos entre personagens de uma história construída num presente vivo.

Considerações finais

A escola não é e nem pode ser apenas um repositório de conteúdos ou deve ocupar-se somente com a transmissão da tradição. Ademais, não se aprende apenas no ambiente escolar. Aprende-se nas relações com tudo o que vive: com as ruas, os caminhos cotidianos, as famílias, as pessoas que convivemos e entrecruzamos. Por isso trouxemos para a intervenção de pesquisa a atitude questionadora do filósofo aliada à atitude criadora do artista, a fim de forjar itinerâncias e aventuras coletivas e produzir sentidos ampliados para a experiência escolar.

A escola tem, antes de tudo, o papel de formação do humano. E a formação do humano se dá através de relações com tudo o que vive. Não é possível, portanto, dar como construída a formação da docência para a educação básica. É preciso criar meios para que a escola cumpra o papel de cultivar a vida em toda a sua potência. E isto é também responsabilidade dos professores. Manter-se em formação para constituir uma docência possível e que esteja conectada com o tempo dos estudantes, aberta e capaz de mediar as relações entre o mundo, suas histórias, tradições e os conhecimentos já construídos.

No caso da docência em Filosofia no ensino fundamental deve-se reafirmar seu potencial para a criação do novo, do humano que há de vir com o cultivo da vida, rejeitando ativamente toda e qualquer subalternidade proposta nos currículos e na gestão da educação escolar. A docência em filosofia nos anos finais do ensino fundamental deve afirmar o direito à educação, à infância e juventude e defender a experiência escolar como ensaio de existência e exercício de cidadania.

Esta pesquisa é uma ode à escola e a docência em Filosofia orientada para o exercício de construção de si e do mundo, essencial ao processo formativo do humano. Ao mesmo tempo a criação do Ateliê de Filosofia com Arte na escola é um convite para professores e estudantes aventurarem-se na fabulação e mimetização de práticas docentes-aprendentes inovadoras, seja a partir das provocações da Filosofia e das Artes, seja a partir da interação afetiva, brincante, questionadora, criativa e criadora.

Neste breve relato da pesquisa evidenciou-se as experimentações filosóficas com arte dos estudantes dos anos finais do ensino fundamental da escola Vida Nova de Lauro de Freitas. Buscou-se reafirmar nas itinerâncias metodológicas a experimentação do tempo-espço de liberdade, escrita de si e (r)existência. Como desdobramento da pesquisa foi desenvolvido um guia¹⁹ para criação de Ateliês de Filosofia no ensino fundamental e espera-se contagiar outros professores e estudantes a povoarem suas escolas com a força da vida dos adolescentes e jovens matriculados nos anos finais do ensino fundamental

¹⁹ O Guia Ateliê de Filosofia encontra-se na fase de Edição.

Referências

ARENDDT, Hannah. A crise na educação. In: _____. **Entre o passado e o futuro**. Tradução de Mauro W. Barbosa. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1990, p. 221-247.

BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Trad. Lucie Didio. Brasília: Liber Livro Editora, 2007.

BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/bncc-20dez-site.pdf>> acesso em 15 jan. 2010.

CARRANO, Paulo César Rodrigues. **Juventudes e cidades educadoras**. Petrópolis: Vozes, 2003.

CUNHA, Luiz Antônio. **A universidade temporã: o ensino superior, as colônias a Era Vargas**. 3. ed. [revista]. São Paulo: Ed. UNESP, 2007.

Morin, Edgar. **Ensinar a viver: manifesto para mudar a educação**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

GALEFFI, Dante. Para que serve ensinar filosofia na educação disciplinar? projeto/invenção da aprendizagem filosófica no educar transdisciplinar. **Revista Ideação**, Edição especial 2017. Disponível em <http://periodicos.uefs.br/index.php/revistaideacao/article/view/2985/0> acesso 11 jun. 2018.

LARROSA, Jorge. (org.) **Elogio da Escola**. Trad. Fernando Coelho. 1. ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2018.

LDB: LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017. Disponível em https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei_de_diretrizes_e_bases_1ed.pdf acesso em 01 jan. 2021.

PASCOAL, Hermeto. **Cérebro Magnético**. Atlantic: 1980. CD (36 min).

ROSSATO, Ricardo. **Universidade: nove séculos de história**. 2. ed. rev. e ampl. Passo Fundo: UPF, 2005.

UNESCO. **Philosophie et Démocratie dans le Monde** - Une enquête de l'UNESCO. Librairie Générale Française, 1995. p. 13-14.

Submissão: Out. 2020
Aprovado: Dez. 2020